



ESTRUTURA DA COMUNIDADE VEGETAL DE UMA ÁREA DE FORMAÇÃO SAVÂNICA PERTURBADA, NO MUNICÍPIO DE VÁRZEA GRANDE, MATO GROSSO

Rodrigo Ferreira de Moraes- Instituto de Biociências, Departamento de Botânica, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Av 24 A, Rio Claro, SP, Brasil. morais_rf@yahoo.com.br ;

Evaldo Benedito de Souza - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - evaldobsouza@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O bioma Cerrado está inserido principalmente no planalto central e ocupa 21% do território nacional. É a segunda maior formação vegetacional brasileira e a savana tropical mais rica do mundo em biodiversidade. Para Ribeiro e Walter (1998), as principais formações vegetacionais do cerrado são: florestas (mata ciliar, mata de galeria, mata seca e cerradão), savânicas (cerrado sensu stricto, parque de cerrado, palmeiral e vereda) e as campestres (campo sujo, campo rupestre e campo limpo). A grande heterogeneidade é determinada por aspectos topográficos, edáficos, latitudinais, queimadas e fatores antrópicos (Ratter e Dargie, 1992). Estudos com objetivo de conhecer a estrutura e composição vegetacional nas áreas em regeneração natural, bem como aspectos biológicos que influenciam nessa estrutura e composição e de identificação das espécies facilitadoras do processo sucessional são importantes trabalhos de recuperação de áreas degradadas (Oliveira e Felfili, 2005).

OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo realizar o levantamento florístico e estudo da estrutura da comunidade vegetal de uma área em regeneração pastagem no município de Várzea Grande, Mato Grosso.

MATERIAL E MÉTODOS

A área de estudo localiza-se no campus do Centro Universitário UNIVAG, localizado no município de Várzea Grande, Estado de Mato Grosso, na coordenadas 15°38'25"S e 56°05'45"O. A florística foi realizada por meio de caminhada aleatória entre dezembro de 2010 e novembro de 2011 com intervalos de 10 dias. A identificação foi realizada com o auxílio de literatura especializada, consultas aos especialistas e comparações com a coleção do Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso. O sistema de classificação utilizado foi o APG III. Para análise fitossociológica foram demarcadas 50 parcelas de 10x15m. Todos os indivíduos com PAS (perímetro à altura do solo) ≥ 10 cm foi aferido o CAP estimadas suas alturas. Os parâmetros fitossociológicos utilizados foram densidade e frequência (absoluta e relativa) e índice de valor de importância. Foram calculados os índices de diversidade de Shannon e a equabilidade de Pielou.

RESULTADOS

No levantamento florístico foram coletadas 177 espécies, pertencentes a 54 famílias. As famílias mais ricas foram Fabaceae (32), Malvaceae (15), Rubiaceae (7) Apocynaceae, Myrtaceae e Sapindaceae (6), Annonaceae, Asteraceae, Convolvulaceae, Euphorbiaceae, Malpighiaceae, Melastomataceae, Solanaceae e Vochysiaceae (5) e 21 famílias apresentaram uma espécie. As famílias com maior abundância foram Fabaceae com 253 indivíduos,

Sapindaceae com 76, Urticaceae com 66 e Anacardiaceae com 63. As famílias com maior número de espécies foram Fabaceae (13), Sapindaceae (4), Vochysiaceae, Rubiaceae e Malvaceae (3 espécies cada). O hábito arbustivo apresentou 23 famílias e as com maior número de espécies foram Fabaceae (12), Malvaceae (6), Annonaceae (5), Rubiaceae (4). As demais apresentaram 1 ou 2 espécies. No hábito arbóreo ocorreram 27 famílias e as que apresentaram maior riqueza foram Fabaceae (12), Vochysiaceae (5), Sapindaceae (4), Malvaceae e Bignoniaceae (3 cada). As demais famílias com 1 ou 2 espécies. No hábito herbáceo foram coletados 21 famílias e as com maior número de espécie foram Melastomataceae (4), Euphorbiaceae, Verbenaceae e Cyperaceae (3 cada). As 17 famílias restantes apresentaram 1 ou 2 espécies. O hábito subarbustivo foi representado por quatro famílias e Malvaceae foi a mais rica com 3 espécie. As demais famílias com uma espécie. Na estrutura da comunidade encontrou-se 819 indivíduos, 68 espécies e 32 famílias. A densidade foi de 1.092 ind./ha O índice de diversidade de Shannon foi 3,61 e equabilidade 0,85. As espécies mais abundantes foram *Cecropia pachystachya* (66), *Leucaena leucocephala* (59) e *Astronium fraxinifolium* (55). A espécie *L. Leucocephala*, apesar de ter o segundo maior valor de DR, obteve o menor valor de FR (1,4) reduzindo o IVI. Para Curatela americana o IVI foi influenciado pelo alto valor de FR. Apesar do baixo valor de FR para *C. pachystachya*, esta obteve o maior valor de DR, influenciando seu alto valor de IVI. A distribuição dos intervalos de PAS apresentou o modelo de J invertido. 65% dos indivíduos apresentaram PAS entre 10 e 20cm, 25% entre 20 e 40cm e 11% apresentaram o PAS acima de 40cm. Para os intervalos de altura 28% dos indivíduos apresentaram valores entre 0 e 2m, 38% entre 2 e 4m, e 17% entre 4 e 6m. Intervalos acima de 6m representaram 16% dos indivíduos.

DISCUSSÃO

Em levantamento em três áreas em cerrado realizado Santo e Vieira (2005), com diferentes níveis de perturbação, encontraram 63 espécies distribuídas em 32 famílias. Medeiros *et al.* (2007) encontrou 67 espécies e 33 famílias. Neste trabalho, os altos valores de riqueza podem ter sido influenciados de todos os estratos no levantamento florístico. Levantamentos em áreas de cerrada apontam a família Fabaceae como a mais rica, tanto para áreas conservadas quanto para áreas alteradas (Felfili *et al.*, 2002; Borges e Shepherd, 2005). De acordo Carvalho e Marques (2009) as espécies *Qualea parviflora*, *Erythroxylum suberosum* e *Davilla elíptica*, foram consideradas de estágio climax, *Hymenaea stigonocarpa* e *Qualea Grandiflora* de estágio tardio/clímax e *Dimorphanthera mollis* e *Qualea multiflora* de estágio pioneiro e foi comum com esta pesquisa. Também comum com este trabalho Araujo *et al.* (2005), indica as espécies *Casearia sylvestris*, *Trema micrantha* (pioneiras), *Copaifera longsdorfii*, *Platipodium elegans* e *Zantoxylum rhoifolium* como secundárias tardias. Foi observado neste trabalho que a distribuição do CAS e altura, apresentam uma tendência de “J invertido” indicando que a comunidade estudada está em equilíbrio, com taxas constantes de mortalidade e recrutamento, e com alto potencial regenerativo caso não seja intensivamente perturbada (Assunção e Felfili, 2004). O padrão encontrado neste trabalho indica predominância de árvores de pequeno porte, condizente com o estágio secundário de sucessão, provavelmente esta área ainda precisa de tempo para atingir um estoque adequado para fins de manejo sustentável.

CONCLUSÃO

O levantamento florístico e estrutura da comunidade vegetal contribuíram para o registro da diversidade vegetal e forneceu informações sobre a composição florística e estrutura de comunidade em área degradada por pastagem. O levantamento florístico e o estudo da estrutura da vegetação em todos os estratos, são importantes, pois compreende um maior conhecimento da diversidade, um entendimento do processo de sucessão em áreas perturbadas por pastagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, F. S. Florística da vegetação arbustivo-arbórea colonizadora de uma área degradada por mineração de caulim, em Brás Pires, MG. Revista *Árvore*, Viçosa, v.29, n.6, p. 983-992, 2005.

ASSUNÇÃO, S. L.; FELFILI, J. M. Fitossociologia de um fragmento de cerrado sensu stricto na APA do Paranoá, DF, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 18, n. 4, p. 903-909, 2004.

BORGES, H. B. N.; SHEPHERD, G. J. Flora e estrutura do estrato lenhoso numa comunidade de Cerrado em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 61-74, 2005.

FELFILI, J. M. Composição florística e fitossociologia do Cerrado sentido estrito no município de Água Boa-MT. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 16, n. 1, p. 103-112, 2002.

OLIVEIRA, E. C. L.; FELFILI, J. M. Estrutura e dinâmica da regeneração natural de uma mata de galeria no Distrito Federal, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 19, n. 4, p. 801-811. 2005.

RATTER, J. T.; DARGIE, C. D. An analysis of the floristic composition of 26 cerrado areas in Brazil. *Edinburg Journal of Botany*, Edinburg, v. 49, n. 2, p. 235-250, 1992.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. Fitofisionomias do bioma cerrado. In: SANO, S.; ALMEIDA, S. P. (Eds.). *Cerrado: ambiente e flora*. Planaltina: Embrapa, p. 89-166, 1998.

SANTOS, R. M.; VIEIRA, F. A. Análise estrutural do componente arbóreo de três áreas de cerrado em diferentes estádios de conservação no município de Três Marias, Minas Gerais, Brasil. *Cerne*, Lavras, v. 11, n. 4, p. 399-408, 2005.

Agradecimento